

16 DE NOVEMBRO DE 2007
Diário de Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 27956
de 16 de Novembro de 2007,
do jornal Diário de Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



IGREJA
DE
BELINHO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" de Esposende centra-se, hoje, na igreja paroquial de São Pedro Fins de Belinho ou simplesmente igreja de Belinho. Um templo que, não sendo tão antigo, "responsabiliza-se" pela história de duas anteriores igrejas, embora nem todas no mesmo sítio.

A igreja de Belinho é referenciada naqueles que são considerados dos primeiros e mais importantes documentos da história de Portugal. Estamos a falar das Inquirições de Afonso II, 1220, e D. Afonso III, em 1258. Antes, em 1135, D. Afonso Henriques doou a Igreja, certamente românica, ao arcebispo de Braga, D. Paio Mendes. Mais tarde, foi pertença da Casa de Bragança. Ainda hoje são visíveis alguns "B's" que significam Bragança.

A igreja actual é uma construção do século XIX, com data de 31 de Agosto de 1887, como está perpetuado no lintel da porta principal. A reedificação do templo esteve envolvida em muitas peripécias, incluindo a falta de dinheiro. Situações que dificultaram o andamento das obras.

No interior está dotada altares com valor e de boa qualidade artística. Algumas das peças são referenciadas nas "Memórias Paroquiais de 1758", nomeadamente o altar das Almas e São Francisco de Assis. Aliás, a paróquia teve Confraria da Ordem Terceira de São Francisco. No altar dedicado a Senhora de Fátima, atrás da imagem, está uma tela que poderá ter sido do antigo altar das Almas. Trata-se de mais uma igreja que merece ser visitada, até pelo enriquecimento artístico dos últimos anos.

A freguesia de Belinho é, segundo os historiadores, muito antiga, sendo possível afirmar-se que esta paróquia teve, ao longo dos tempos, duas igrejas antes da actual, sendo que a mais antiga era dedicada a S. Félix.

Este templo, que deveria ser, certamente, de arquitectura românica, surge referenciado em documentos muito antigos e que são anteriores à nossa nacionalidade. Isto mesmo salienta o investigador Franquelim Neiva Soares num artigo publicado

D. Afonso Henriques doou Belinho ao Arcebispo D. Paio Mendes

no jornal "Renascer", onde afirma que a igreja de Belinho é «antiquíssima», uma vez que «já consta do Censual do Bispo D. Pedro», um documento atribuído ao século XI, onde o território entre os rios Lima e Ave surge organizado em dez Terras, ou circunscrições administrativas, e 573 freguesias e mosteiros. Outro dado importante, que atesta a antiguidade desta freguesia e que demonstra que já ali existia um templo no século XII, é uma doação efectuada pelo primeiro rei de Portugal à Sé de Braga.

Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, no seu livro publicado em 1986, intitulado "Belinho – Um Pouco de História", «em 1135, D. Afonso Henriques faz Arcebispo de Braga D. Paio Mendes e entrega-lhe a igreja de S. Félix de Belinho».

Mais tarde, acrescenta o historiador, «em 1220, D. Afonso II faz inquirição a Belinho que, nessa época, se denominava "De Sancto Felice de Belino" e se afirmava "quod habet ibi dominus Rex XXXII casalia et médium, et dant omnes, sive habeant sive non, CCXXV modios de tritico ataleigados"».

Nas Inquirições de 1258 afirma-se que «el-rey ha XXXVII casaes... et todos desta vila sunt servizaes del Rey e Mayordomo per si mesmos», conta Penteado Neiva, realçando ainda que «neste documento chamava-se "Sancti Fiiz de Belino"».

«Em 1320, pertencendo ao arce-diago de Neiva, chama-se "ecclesia Sancti Felicis de Belin" e, em 1400 "San Fiiz de Belinho". No século XVI, em 1528, e já anexada ao Cabido de Braga, aparece com a designação de S. Finz de Velinho, passando a ter, em 1749, a designação actual, isto é S. Pedro Fins de Belinho», acrescenta o historiador.

Igreja construída em 1734

Se os documentos históricos nos falam de uma igreja em Belinho desde o século XI, a verdade é que esse templo antigo foi substituído por um mais moderno em 1734, tendo sido contratado para efectuar a obra o Mestre Tibúrcio da Igreja.

No documento datado de 5 de Junho de 1734 estabelece que o compromisso entre Custódio Ferreira Velho, Cónego da Sé de Braga, e os artistas Tibúrcio da Igreja, de Vila Chã, Esposende, e o mestre carpinteiro Manuel de Barros para as obras de «pedraria e carpintaria da capella mor e sãochristia da igreja de São Pedro de Fins de Belinho, unida em perpetuum a sua Meza capitular». Segundo o que é referido, Tibúrcio da Igreja arrematou a parte de pedraria por "quorenta e três mil reis", e o carpinteiro, a obra correspondente,



> O cruzeiro paroquial apresenta a data de 1677

te, por trinta mil reis, tendo o prazo fornecido pela Mitra para cumprimento do compromisso sido o mês de Setembro desse mesmo ano. Curioso será de referir que o mestre Tibúrcio da Igreja era natural, não de Vila Chã, como se afirma no documento, mas sim de Santiago de Compostela. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, este mestre casou em Vila Chã, com Paula Francisca Couto, em 22 de Outubro de 1724. «Aliás, este mestre pedreiro faz parte de um grupo de mestres e oficiais de pedreiros que, vindos de terras da Galiza, casaram e se radicaram em Vila Chã. Entre eles contam-se Tibúrcio da Igreja, Mestre Oficial

Alberto do Casal, Francisco Pás, etc. Todos eles foram mestres nos edifícios religiosos construídos nessa época», sustenta o historiador. Esta igreja que Mestre Tibúrcio construiu em Belinho no ano de 1734 estava situada onde se encontra hoje o cemitério paroquial, sendo o templo que é referido nas "Memórias Paroquiais de 1758". Segundo o pároco de então, o templo tinha «seis altares», e «o principal ou maior» era «do Santíssimo Sacramento, aonde» estava «também Sam Pedro orago». A igreja possuía ainda «dois coleterais, hum de Nossa Senhora de Guadalupe, o outro do Nome de Jesus e na

mesma correnteza» tinha «em huma nave o da Ordem de Sam Francisco». «E na mesma nave» tinha «o das Almas e logo ahi junto» tinha «o de Santo António». Ainda segundo o sacerdote, a igreja tinha «só huma nave com quatro arcos». Este templo acabou por ser demolido, como se verá mais adiante, mas a sua torre ainda permaneceu de pé durante muitos anos. Teotónio da Fonseca afirma, no seu livro "Esposende e o seu Concelho", editado em 1936, que «a torre dos sinos conserva-se ainda no seu antigo lugar, a qual depois da construção do cemitério paroquial ficou no centro deste».

Ruína da igreja barroca motivou sonho de um templo novo

A ruína e o mau estado em que se encontrava a igreja de Belinho construída pelo mestre Tibúrcio da Igreja, em 1734, motivou as pessoas da freguesia a sonhar com a edificação de um novo templo na segunda metade do século XIX.

Segundo José Manuel de Oliveira Ribeiro, a ideia de se construir uma nova igreja surgiu muito antes de 1880, uma vez que na reunião da Junta de Paróquia que se realizou a 15 de Maio desse ano, com o propósito de deliberar sobre a reedificação de um templo novo e a eleição de uma comissão, alguns pormenores pareciam estar já bem definidos. «A forma como se abordou o problema nesta reunião denuncia já um certo amadurecimento e discussão pública sobre este assunto, pois algumas ideias que foram sugeridas em reunião pareciam já suficientemente amadurecidas e elaboradas», afirma no seu trabalho "1 Centenário da Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho".

Outro pormenor salientado pelo investigador é que, nessa reunião, também ficou definido o local onde seria construída a igreja, reconhecendo-se que o terreno da igreja velha era pantanoso e impróprio. Assim, a opção era o local conhecido por "Agra do Santo", «que foi tido como enxuto e arejado» e situava-se muito próximo da estrada municipal que levava a Viana do Castelo. Os "homens sensatos e com conhecimento" acreditavam que neste sítio podia ser construída "uma das igrejas rurais de maior valor".

«Os poucos recursos financeiros para a construção da igreja nova constituíam, porém, um forte óbice», afirma José Manuel de Oliveira Ribeiro. Segundo explica, o presidente da Junta de Paróquia de então, Dom-

gos Luís Eiras de Meira Soares sugeriu o lançamento de uma "décima" sobre cada um dos paroquianos da freguesia e as confrarias e que se recorresse a um empréstimo de 400 mil réis junto da Caixa Geral da Bula Santa Cruzada, propostas que foram aceites por unanimidade, tendo também sido eleita uma comissão para se dar andamento ao processo que levaria ao início das obras.

Contestatários ao local escolhido

«Este entusiasmo inicial, porém, cedo foi contrariado. Na reunião de 12 de Junho da Junta de Paróquia foi apresentado um requerimento dalguns paroquianos, alegando que a igreja nova deveria ser reedificada no local da velha», conta o investigador. No entanto, o presidente considerou o documento ilegal. «Mas, no dia 10 de Julho de 1880 foi apresentado em reunião um ofício do Administrador do Concelho de Esposende advertindo que a construção da igreja nova não poderia suscitar despesas sem a prévia aprovação das contas, receitas e despesas», acrescenta.

Assim, no dia 24 de Julho, o presidente da Junta de Paróquia apresentou a estimativa dos trabalhos a realizar pelos mestres pedreiros, carpinteiros, ferreiros e caiadores, num total de três contos e 600 mil réis, que foi aprovada por unanimidade, tendo também sido decidido efectuar um edital em triplicado para se lançar a obra a concurso. «Aprovou-se anunciar as obras nas freguesias de Anha, Mujães, Neves, Darque, vila de Esposende, Póvoa de Varzim e Belinho por espaço de 15 dias», afirma o investigador, realçando que, nesta linha marítima sempre estiveram, por tradição, os melhores mestres de cantaria, «o

que significa que a obra pretendida era de qualidade e de dimensão artística superior».

No dia 18 de Setembro de 1880, o presidente apresenta, então, três orçamentos, que foram recusados, por se considerarem exagerados, optando-se por novo concurso pelo espaço de 20 dias.

No entanto, aqueles que contestavam o local escolhido para se erguer a igreja ganhavam mais firmeza, ao ponto da Junta de Paróquia ter deliberado que estes podiam formar uma comissão e assumir a responsabilidade das obras.

Entretanto, o Administrador do Concelho de Esposende notificou a Junta de Belinho a 13 de Dezembro de 1880 para que construísse o seu cemitério, uma vez que a sepultura de cadáveres nas igrejas estava proibida desde 21 de Julho de 1835. A Junta decidiu destinar o local da igreja velha para cemitério, aproveitando a capela mor para capela mortuária.

Com isto, a igreja nova não foi esquecida, tendo sido requerida a licença eclesiástica, que foi deferida pelo Arcebispo de Braga, D. João Crisóstomo de Amorim Pessoa. A Junta aproveitou este documento para considerar urgentíssima a obra e mandou publicar novos editais para as obras. Ao mesmo tempo, voltava a pedir aos que não concordassem, que organizassem uma comissão.

A 5 de Outubro de 1883 é efectuado um exame à sanidade do lugar destinado ao cemitério e uma vistoria à igreja velha. Os mestres concluíram que o templo estava em completa ruína, com excepção da capela mor e da sacristia. «Nesta visita-vistoria foi apresentado ao administrador e delegado de saúde o lugar chamado Calvário para a construção da fu-



> Imagem de S. Pedro no altar mor

tura igreja. Os dois foram unânimes em desaconselhar tal local para o fim referido. Mas após examinarem o lugar de Seara, concordaram que fosse esse o preferido», afirma José Manuel de Oliveira Ribeiro. A 12 de

Abril de 1884 foi feita arrematação da obra, que a Junta acabou por não entregar por considerar que o valor mais baixo apresentado, cinco contos e 425 mil réis era muito exagerado.



A escolha do local para a nova igreja gerou polémica



O bom trabalho em cantaria foi uma das preocupações desde o início

A PREMONIÇÃO DO 13 DE MAIO

Pároco deu “murro” na mesa e obrigou ao início da igreja

Há muitos anos que se falava na necessidade urgente do início da construção da nova igreja paroquial de Belinho. Porém, as divergências foram sempre muitas e centravam-se não só na edificação em si como na sua localização. Depois de muitos anos de espera, cansado de tanto esperar por um consenso que nunca chegava, o então pároco de Belinho, o padre António Luís da Costa Azevedo decidiu agir, dando um “murro” na mesa, obrigando ao início das obras do novo templo. Com base nos documentos como o “Livro de Actas da Junta da Paróquia da Freguesia de S. Pedro Fins de Belinho ano de 1880-1887”, o “livro dos Capítulos de Visitas” e a “Memória Descritiva das Obras da Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho, Esposende, José Manuel de Oliveira Ribeiro partilha com os leitores as peripécias, avanços e recuos da obra. Na brochura “I Centenário da Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho, Esposende”, o autor começa por dizer que o dia 8 de Maio de 1885 constituiu «verdadeiramente o início do desenlace favorável deste longo novelo de impasses que atravessaram diante do sonho de uma igreja nova».

No entanto, ainda não seria desta. Curiosamente, o dia 13 de Maio, à época uma data como outra qualquer, uma vez que a aparição da Virgem aos pastorinhos só aconteceu em 1917, também viria a ser marcante para o templo. Foi nesse dia, às 10h00, que aconteceu uma reunião na Casa da Câmara de Esposende, entre o mestre carpinteiro Manuel José Francisco Gonçalves e os responsáveis da igreja, para assinatura do contrato de construção da capela-mor. O problema é que as coisas não foram feitas de forma legal, uma vez que a lei obrigava à arrematação da obra. E o processo foi-se arrastando por uma ou outra razão, entre elas e mais uma vez, a oposição entre facções pró e contra que não se entendiam. Até que, no dia 22 de Março de 1896, o presidente da Junta da Paróquia, o abade António Luís Costa Azevedo decidiu pôr fim às indecisões e declarou que «havia já uns bons 20 anos que, sendo ele também presidente da Junta da Paróquia, foi apresentado e votado o projecto da reedificação da igreja nova paroquial, sem que, até hoje, levá-lo a efeito bem contra a sua vontade e de todos os paroquianos,

que nisso se empenhavam, por não ter podido superar os atritos que se levantaram».

Foi uma espécie de murro na mesa, pondo um ponto final nas discordâncias. De facto, a partir dessa tomada de posição, decidiu-se sobre o espaço, as dimensões do terreno, os pedreiros e mestres-de-obra.

Início das obras entusiasmou Belinho

O pároco não perdeu tempo e, numa única carta enviada ao Arcebispo de Braga pedia a aprovação da obra, licença para a construção, para a bênção da primeira pedra e licença para uso de parte do terreno do passal. Felizmente, o Paço Arquiepiscopal não demorou em responder positivamente aos requerimentos. Ainda assim, para uso do terreno do passal, foi necessário um pedido ao Núncio Apostólico, em Lisboa. Assim, uma vez resolvidas as divergências e as questões legais, deu-se início aos trabalhos e a freguesia de Belinho «conheceu um movimento exemplar de unidade em torno da construção da Igreja Nova. O dia 8 de Julho de 1896 marcou a congregação de esforços», refere José Manuel de Oliveira Ribeiro.

Os relatos do dia dizem que no dia 11 de Julho, houve eucaristia em honra do «Puríssimo Coração de Jesus», precedendo este acto «repiques de sinos e uma salva real em sinal de regozijo, na qual participaram todos os paroquianos, implorando os auxílios divinos para que inspirasse todos os paroquianos da freguesia». Os trabalhos começaram efectivamente logo a seguir à missa, sob a orientação do mestre Francisco José



> Os acabamentos da igreja já foram feitos no século XX

da Costa, natural de Coporeiros, Viana do Castelo. As obras decorriam com grande ritmo e entusiasmo e no início de Outubro a capela-mor estava praticamente concluída. E antes de um ano de obras, a estrutura da igreja estava quase pronta. Seguiu-se um período de alguma

indefinição, motivada também pela substituição do abade. Em 1904, aquando da visita do arcebispo D. Manuel Baptista da Cunha, a tribuna estava por acabar de pintar, mas já se respirava um sentimento de dever cumprido: ter uma igreja nova, bela e nobre.



> A porta perpetua uma data marcante na construção



> Freguesia de Belinho sentiu-se orgulhosa da sua igreja

PROJECTO DE UM TEMPLO ARTISTICAMENTE NOBRE

A riqueza da frontaria espelhada entre o maneirismo e o neoclássico

A igreja paroquial de Belinho é uma construção aparentemente simples, mas foi projectada para um espaço religioso artisticamente nobre. A riqueza da frontaria está espelhada não só nos vários símbolos esculpidos na parede, mas também nos estilos arquitectónicos, entre o maneirismo dos séculos XVII e XVIII e o neoclássico do século XIX. A descrição e análise dos vários elementos artísticos presentes na frontaria foram feitas por José Manuel de Oliveira Ribeiro, numa brochura intitulada "1 Centenário da Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho, Esposende". Uma publicação editada pelo Conselho Pastoral e Paroquial de Belinho, feita em 31 de Agosto de 1997, exactamente para evocar a efeméride.

Falando da construção, o autor explica, assim, as circunstâncias e as motivações da intervenção. «Houve a necessidade de fechar a invulgar altura concedida ao corpo da igreja e um propósito de corresponder ao desejo de elegância que houvera sido sonhado desde o início», refere. De facto, a altura acabou por revelar-se exagerada em relação à volumetria das pilastras que não suportaram a descarga do peso.

No entanto, o erro de cálculo, veio obrigar os responsáveis da obra a puxar pela imaginação e pela criatividade. E são estes momentos que definem os grandes artistas, transformando um erro numa obra de arte, ainda que a solução tenha sido complexa.

Terá sido isso que aconteceu na igreja de Belinho. «Seguiu-se, por um lado, esquemas maneiristas no alinhamento vertical dos vãos do nicho de São Pedro, reaproveita-se uma certa estilização maneirista ainda das aletas nos vértices laterais do frontão, mas a configuração estrutural é neoclássica, embora com desvirtuamentos salientes», afirma. Entre os tais "desvirtuamentos" encontrados estão as dimensões do janelão, na relação que mantém com a porta e a solução adoptada para o vértice do frontão em arco contracurvado.

Elogio à linguagem decorativa

Porém, o maior elogio aos aspectos arquitectónicos e artísticos está na linguagem decorativa da frontaria que é «erudita» e condensa referências semânticas e plurais. «Há, evidentemente, elementos que são extraídos de construções religiosas de épocas e tradições construtivas

bem diferentes: como o anjo guardião e as cartelas. Percebe-se verdadeiramente aqui que havia duas vontades intensas de construção desta igreja: a vontade de celebrar a fé na referência a valores recebidos de uma tradição e a explícita intenção de construir uma obra nobre e grandiosa», refere José Manuel de Oliveira Ribeiro.

Uma análise constatada pelos elementos decorativos que reportam não só a diferentes épocas e estilos construtivos, mas também a construções de outras paragens. Um dos exemplos mais evidentes são os capitéis da porta principal. Estão decorados com folhas de acanto romano e um conjunto de três aros interligados, «símbolo de Deus Trino, ou Santíssima Trindade».

O autor não tem dúvidas de que a frontaria da igreja de Belinho é, em termos de simbologia, muito rica.

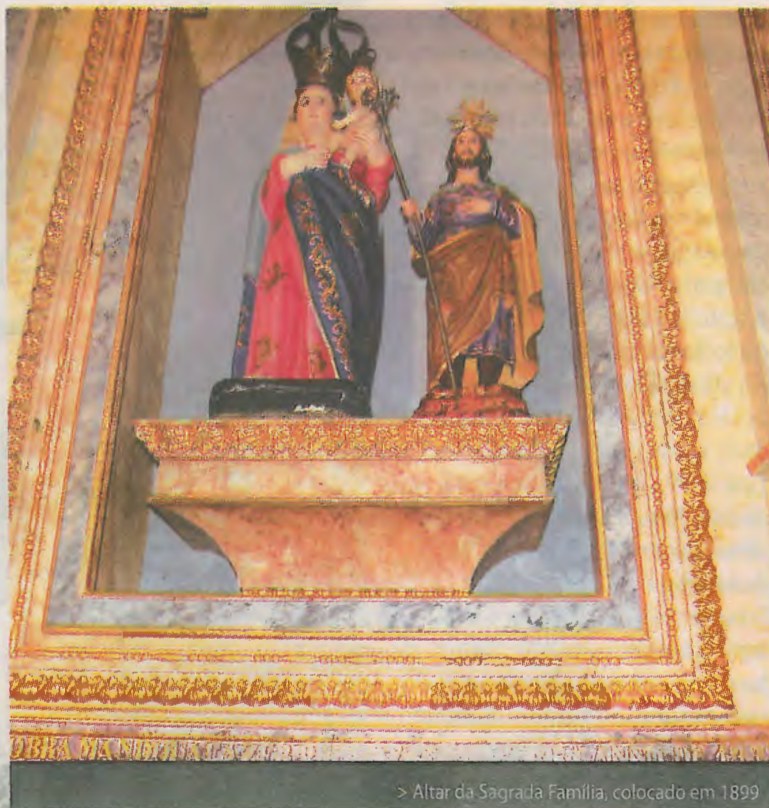
Um dos elementos realçados no exterior do templo é a cruz papal, com três braços ou hastes, que encima a frontaria. A cruz tripla é um elemento que diz ao visitante, logo à partida, que se trata de uma igreja cujo orago é um papa. Depois é só saber quem foi o papa. No caso de Belinho foi o primeiro papa, São Pedro. Antigamente podia ser usada por qualquer cardeal, mas a partir do século XV, passou a ser uma simbologia exclusiva do papa. Há várias interpretações para os três braços, sendo que uma delas são as virtudes teológicas, isto é, Fé, Esperança e Caridade.

Na brochura, José Manuel Ribeiro explica que a folha de acanto, muito



> Decoração dos capitéis, símbolo do Deus Trino

frequente nos altares, nomeadamente nos altares barrocos, entraram na arquitectura como elemento decorativo na antiguidade clássica, por causa dos espinhos. «Ela representa o triunfo sobre o sacrifício e a dor, o ultrapassar das dificuldades». O autor fala também de dois elementos decorativos «de excelente qualidade de execução», sobre a porta principal: o meandro circuncêntrico e a cortina com repuxos. Uma referência ainda para as rosetas de «inspiração grega», presentes tanto em construções religiosas como profanas.



> Altar da Sagrada Família, colocado em 1899



> Gruta da Anunciação e altar do Coração de Jesus, com história

Retábulos de estilo Império concebidos no período neoclássico

A igreja paroquial de Belinho tem vindo, ao longo dos tempos, a ser constantemente enriquecida com diferentes peças de arte de grande valor. São exemplos os vitrais de grande qualidade, em particular o principal, com o padroeiro, e, mais recentemente, a reformulação do baptistério, obra do arquitecto José Manuel Ribeiro.

No entanto, não restam dúvidas de que o espólio mais valioso são os altares que, embora não sendo todos do mesmo período, reflectem a gramática neoclássica, com forte presença da influência do estilo Império.

Como vimos na página 4 deste suplemento, a capela-mor foi a primeira parte da nova igreja a ser concluída, em Outubro de 1897. No entanto, tal não significa que o altar tenha sido feito nesse período, tanto mais que há outro registo informativo que nos diz que, em Novembro de 1904, quando o Arcebispo de Braga, D. Manuel Baptista da Cunha, esteve em Belinho, em visita pastoral, manifestou a sua satisfação «ao entrar nesta igreja nova e ampla e cuja tribuna está ainda por acabar de pintar», esperando que se concluísse «com a possível brevidade». Falando do interior do templo, o autor da brochura "I Centenário da Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho" constata que a presença da influência do estilo Império nas cinco composições retabulares da igreja «é por demais evidente».

O estilo Império nasceu em França, em finais do século XVIII e atingiu o apogeu entre 1804 e 1813. Tem como "pai espiritual" Napoleão Bonaparte. Para dar forma e corpo às suas ideias, o imperador contratou Carlos Percier e Pedro Fontaine, dois grandes arquitectos decoradores. Um estilo assente nas linhas primitivas greco-romanas e na inspiração bebida nas múltiplas viagens feitas pelo mundo durante o seu reinado. Nos altares da igreja de Belinho, entre outros elementos, destaque para os vasos que coroam as partes superiores dos retábulos.

É um facto que os altares foram feitos em épocas diferentes e, provavelmente, em oficinas igualmente diferentes, mas pertencem todos sensivelmente ao mesmo período. O único com data e "patrocinador" é o altar da Sagrada Família. Na base do retábulo pode ler-se o nome do "mecenas" e a data, 1899.

Porém o estilo Império está enquadrado num período neoclássico e os altares, com colunas praticamente lisas e floreios reflectem o seu tempo ou mesmo cópia de retábu-



> Tribuna do altar-mor, uma das primeiras obras da igreja



> A decoração interior da igreja prosseguiu ao longo dos tempos

los de outras igrejas.

Entre os altares, José Manuel de Oliveira Ribeiro destaca o altar-mor como aquele que tem melhor qualidade como, aliás, não podia deixar de ser. «Ressalta em importância e excelência o retábulo da capela-mor, obra que em 1904 estava em fase de conclusão. O trabalho de acabamentos, composição e a estrutura reproduz com fidelidade os gostos de meados do século passado».

Outros altares e vitrais

Continuando a falar dos altares, cada um apresenta o seu dado que o torna único, além da dedicação ao seu orago. Por exemplo, embora esteja escondida, não passa despercebida a tela do altar das Almas, agora "apoderado" pela devoção a Senhora de Fátima. Além da imagem de Fátima, estão os três pastorinhos. A tela, aparentemente antiga, está atrás da imagem de Fátima. A tela será um dos testemunhos do antigo templo.

O altar do Sagrado Coração de Jesus traz-nos à memória o facto de

no dia do lançamento da primeira pedra da igreja, ter sido rezada uma eucaristia em honra do «Puríssimo Coração de Jesus», como testemunham as "Memórias descritivas das obras da igreja".

De facto, embora considere que os restantes altares são de «menor qualidade» em relação à tribuna, o autor da brochura escreve que há «virtuosismo e elegância em alguns pormenores, como nas colunas e ático [espécie de meio andar] do retábulo do Coração de Jesus». Em relação ao tecto, em caixotões, não podia faltar uma alusão à zona piscatória e por isso foi adoptado o estilo do casco de um barco.

Os vitrais são outras interessantes peças de arte, todas de boa qualidade, sendo que o principal, o do padroeiro São Pedro, é da autoria de João Antunes, do Porto, e os restantes saíram das oficinas do filho deste artista.

O baptistério é outro espaço que merece uma palavra. Além da pia baptismal, em estilo octogonal, «que evoca a vida eterna», «ganhou» painéis de azulejos com motivos relativos ao baptismo, enriquecendo aquele espaço.



Alguns dos mais importantes episódios da vida de Cristo

Degradação da igreja levou à realização de obras em 1955

A degradação da igreja e o perigo que oferecia para a segurança dos fiéis levaram a que se realizassem obras profundas no templo em 1955.

Segundo José Manuel de Oliveira Ribeiro, no seu trabalho "I Centenário de Igreja Paroquial de S. Pedro Fins de Belinho - Esposende", «os documentos escritos relativos a essa intervenção não dão conta dos motivos mais fundamentados que justificavam essa intervenção». Contudo, na Memória Descritiva dos trabalhos explica-se concretamente que se tornava «urgente a reparação da igreja paroquial de Belinho, concelho de Esposende, não só pelo perigo que oferece o seu estado de segurança mas, também, porque o seu estado de conservação não é dos melhores».

O investigador afirma que «as obras tiveram início no fim do Verão do ano de 1955», tendo começado «pela demolição e apeamento da escada de acesso ao coro, demolição do tecto em estuque, abertura de um vão de acesso da torre ao coro, abertura de um vão para o baptistério na base da torre». Como novos elementos, acrescenta, «foram introduzidos os pináculos de remate das pilastras, a balaustrada, o relógio, as friestas nas paredes, os tectos de madeira de castanho, numa área de 472,79 metros quadrados, novas portas de castanho e a nova torre».

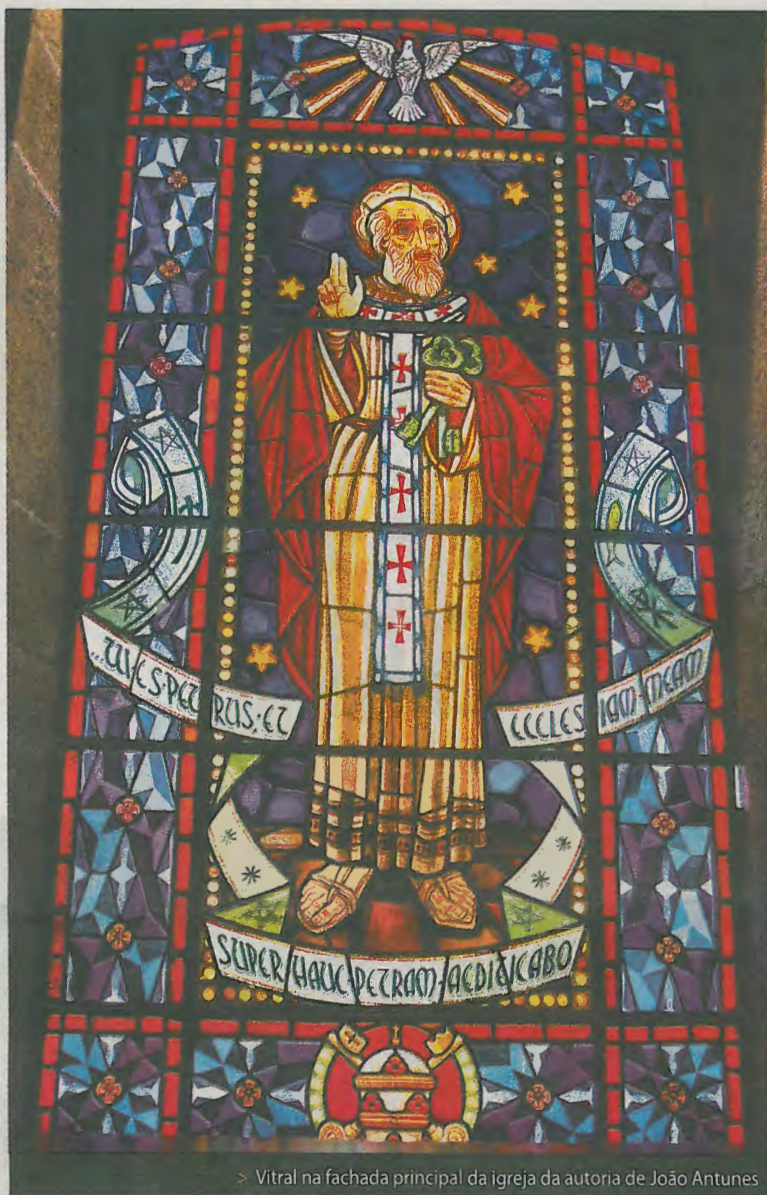
«É curioso que a torre no anteprojecto fora desenhada com implantação anexa ao alçado Sul da igreja, com acesso por dois lanços de escadas a partir do corpo da igreja; o projecto definitivo colocá-la-ia anexa ao alçado Norte com acesso autónomo a partir do exterior», refere José Manuel de Oliveira Ribeiro.

Novas obras em 1999

As últimas obras realizadas na igreja de Belinho aconteceram em 1999, sendo pároco na altura o saudoso padre Manuel José da Costa Leal. Segundo o actual pároco, o templo foi enriquecido com mais espaço litúrgico, para proporcionar aos fiéis um maior conforto.

«O espaço físico é importante, não só para que se reze mais e melhor, mas também para que seja um atractivo e seduza as pessoas diariamente», afirma o padre José Manuel Ferreira Ledo.

Assim, hoje, a freguesia de Belinho possui um belo templo, que se encontra preservado. «É uma belíssima igreja. Raramente se encontra uma igreja com este espaço físico. É um espaço amplo. Não há nada



> Vitral na fachada principal da igreja da autoria de João Antunes



> Imagem de S. Pedro na fachada da igreja de Belinho

que perturbe a visão do sacrário, o ambão, o lugar do presidente da celebração e até o próprio altar. E eu, como celebrante e como pároco desta comunidade sinto que, do meu lugar, na cadeira do presidente, quer seja a proclamar a Palavra ou noutra actividade de evangelização, apanho a assembleia num só olhar e as pessoas também se apercebem disso», realça o sacerdote.

Desta forma, fácil será de deduzir que a igreja de Belinho não carece actualmente de obras, uma vez que a paróquia «possui um templo que ajuda a rezar e que convida a rezar». Para além das obras, esta é também a oportunidade para falar de um dos momentos altos desta comunidade que é a festa do padroeiro S. Pedro, assinalada todos os anos a 1 de Agosto, onde se recorda também Santo António e São Sebastião. Segundo o padre José Manuel Ferreira Ledo, esta é «uma festa muito concorrida», com a presença de muitas pessoas vindas de fora da freguesia. Em Belinho, todos contribuem para que este seja um dia que marque todos aqueles que ali se deslocam. «E, algo que marca, são os 33 andores que ainda este ano saíram às nossas ruas e que são autênticas obras de arte, com



> Pormenor do sino da igreja com a imagem de S. Pedro

trabalho incedível das pessoas que oferecem as suas promessas em honra dos diversos santos e de Nossa Senhora, do Senhor dos Passos e do Senhor dos Aflitos», afirma

o pároco. A missa solene é também salientada pelo sacerdote. Segundo explica, nela participam os grupos corais e a Banda de Música de Belinho. «Estão

presentes também os sacerdotes naturais desta terra. E eu, como pároco, sinto esse carinho que eles não deixam de estar presentes neste dia tão importante», acrescenta.



> No altar lateral, onde se encontra a imagem de Nossa Senhora de Fátima, existe um painel pintado, tendo como tema as almas do purgatório. Esta parece uma obra antiga e bem preservada. Este painel poderá ter pertencido ao altar das almas que existiu na igreja construída em 1734.



> O painel do Baptismo do Senhor em azulejos é da autoria de José Manuel Ribeiro e foi feito na Fábrica Aleluia, em Aveiro, no ano de 1998. Nele destaca-se a centralidade de Jesus, como Aquele que celebra connosco a dádiva da Vida Nova. A presença da multidão é um apelo comunitário da celebração baptismal e a árvore exprime a abundância da vida.



> Junto à porta de entrada da igreja encontra-se o Senhor dos Aflitos, que é em bronze e, vindo de Itália, foi oferecido à comunidade por beneméritos. Inicialmente, esta imagem estava numa capela, de onde foi roubada, para voltar a ser encontrada cerca de nove meses depois por duas crianças, no Monte da Senhora da Guia. Hoje, ela está no interior da igreja.



> A paróquia de Belinho celebrou em 1997 o primeiro centenário da igreja paroquial, com a presença do Arcebispo D. Eurico Dias Nogueira. No âmbito destas comemorações foi promovida uma sessão solene evocativa da efeméride e lançada uma medalha.



> Em posição central na verga em arco da entrada principal da igreja de Belinho está um anjo guardião, alado e dotado de couraça. Segundo José Manuel de Oliveira Ribeiro, esta figura segue o delineamento e volumetria da iconografia românica.



> A ladear as portas de entrada da igreja de Belinho estão duas rosetas de inspiração grega de quatro folhas, dispostas segundo os pontos cardiais. São simples elementos decorativos com significados de advertência ao cristão e fazem parte do conjunto de símbolos que valorizam o ritual de entrada no templo.